



**DIMENSÕES POÉTICA E POLÍTICA DO ENCONTRO ENTRE LINGUAGEM
TEATRAL E EDUCAÇÃO ESCOLAR**

Josiane Medianeira Soares
Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo 1- Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem da Educação

No decorrer das linhas aqui escritas, delinea-se breve partilha de como está se configurando a pesquisa desencadeada após a qualificação do projeto de dissertação de mestrado em Educação realizado na Universidade de Santa Cruz do Sul. O estudo e a pesquisa abordam a ampla relação entre Artes e Educação Básica desde a relevância educacional da presença poética do teatro na escola até a intenção de visualizar a potencialidade política do teatro nas interações escolares.

Como amplo objetivo venho buscando compreender as questões que envolvem as dimensões afetiva e educacional que podem emergir a partir das experiências vividas nas aulas curriculares de teatro no Ensino Médio de uma Escola do ensino privado de Santa Cruz do Sul.

Especificamente, nessa investigação, interrogo o que pode emergir da ação educativa de conviver com jovens, a partir da intencionalidade de aproximar a força poética da linguagem teatral e o exercício político da pluralidade de modos de agir no mundo. Uma interrogação pautada tanto pelo interesse em compreender a relevância educativa da presença da linguagem teatral na escola, na última etapa da educação básica, quanto de resistir à recorrente desconsideração da dimensão educativa do teatro com adolescentes.

Para perseguir minhas interrogações e alcançar os objetivos da pesquisa, venho seguindo o caminho metodológico qualitativo a partir dos princípios do estudo de caso. A intenção é compreender o que permanece do vivido em teatro para os alunos da turma do 3º ano que, ao longo de três anos (um trimestre por ano), tiveram aulas de teatro ministradas por mim. Para tanto, tomo como ponto de partida dessa investigação a produção de uma escrita reflexiva proposta aos estudantes com a intenção de provocar narrativas a fim de visualizar a presença das questões educacionais singularmente poéticas e políticas da linguagem teatral por eles destacadas no período em questão. Por se tratar de uma pesquisa em ciências humanas, não caberá analisar ou julgar as escritas,

muito menos generalizar as questões surgidas, mas com elas e a partir delas interrogar e pensar as permanências do vivido para os estudantes e para mim.

Para Melo Jr. e Morais (2018, p. 30) “o estudo de caso único permite uma análise detalhada e com maior aprofundamento do contexto, no qual a pesquisa encontra-se alocada, permitindo observação pormenorizada do dinamismo singular e qualitativo do fenômeno investigado”. Nesse sentido, os autores destacam que há determinados processos para compor uma pesquisa de estudo de caso, a qual deve iniciar com um estudo bibliográfico e conceitual para situar as questões e os componentes da pesquisa, os quais seriam meus alunos e a nossa relação com a educação em teatro. O foco da investigação, aqui, estará nas questões que emergirem da escrita reflexiva a partir da rememoração do vivido entre nós na escola.

A efetivação da pesquisa vem permitindo interrogar e pensar a percepção de questões ligadas às interações entre professora e alunos, relacionadas ao modo dos estudantes se perceberem e perceberem suas experiências nas aulas de Teatro. Tais percepções favorecem a compreensão de como os alunos refletem, em suas escritas, momentos da vida que rompem a lógica escolar da sala de aula, entre outras possibilidades ainda em processo de escrita e incorporação dessas reflexões.

A intencionalidade de perseguir o tema teatro e escola emerge de minha experiência docente e das percepções e reflexões surgidas na convivência escolar com crianças e adolescentes em teatro. Essa intencionalidade de estudos, com foco principal nos estudantes de Ensino Médio, é tecida pelo fato da escola onde exerço a docência em teatro valorizar o ensino de artes em todas as etapas da Educação Básica. Tal valorização das artes na formação escolar surge desafiadoramente na contramão das propostas políticas educacionais atuais.

Para tal pesquisa, defendo a educação como ação que se estabelece nas interações entre quem chega a um mundo e quem nele já está, não só numa relação entre bebês ou crianças e adultos, mas também, de modo mais amplo, em toda inauguração de sentidos que afetam e significam a convivência. A educação é “sempre uma intervenção na vida de alguém” (BIESTA, 2013, p. 16).

Com Gert Biesta (2013, p. 26) considero importante pensar a educação fugindo de um ideal que almeja “produzir ou liberar alguma coisa”. Em contraposição, o autor propõe que “devemos focar as maneiras pelas quais o novo início de cada indivíduo pode tornar-se ‘presença’” (BIESTA, 2013, p. 26). O autor defende que essa presença só é possível em um mundo povoado por outros, seres plurais em suas singularidades,

na qual, a educação se dá nessa relação com o diferente. Desta forma, Biesta (2013, p. 26), leitor de Hannah Arendt, acredita que o papel do educador seria o de ser responsável pela “vinda ao mundo” desses seres plurais e singulares e pelo mundo plural e de diferenças.

Nesse sentido, a intenção também é produzir argumentos que afirmem a dimensão política do teatro como manifestação da alegria de estar junto, de estar em jogo, de estar em linguagem teatral como modo de transitar entre real e ficcional. Nessa perspectiva, Marilena Chauí (1995) compartilha o pensamento do filósofo Espinosa para nos dizer que o autor concebia a alegria como uma forma de resistência à tirania e, nas palavras de Chauí (1995), a alegria era definida por Espinosa “como o sentimento que temos de que nossa capacidade de existir aumenta” (CHAUÍ, 1995, p. 65).

Para dialogar com a ideia de o teatro ser político, trago a autora Hannah Arendt que compreende a linguagem teatral como “política por excelência” e que “somente no teatro a esfera política da vida humana é transposta para a arte. Pelo mesmo motivo, é a única arte cujo assunto é, exclusivamente, o homem em sua relação com os outros homens” (ARENDR, 2015, p 233).

Assim sendo, é importante e possível pensar o encontro entre teatro e escola como uma potência de educação e de ação política. Mas, para isso, é necessário ampliar o conceito ao qual Hannah Arendt defende como política. Segundo Arendt (2018, p. 21), “a política baseia-se na pluralidade dos humanos [e] trata da convivência entre diferentes”, buscando, por exemplo, uma “igualdade relativa em contrapartida às diferenças relativas”.

Se para Hannah Arendt, a vida política, fruto da coletividade em ação e discurso, era uma condição humana fundamental, para Espinosa, entre outras afecções, era a Alegria. Com ela, é possível elevar o *conatus*, que por sua vez, era defendido por ele como “uma força interna positiva ou afirmativa, intrinsecamente indestrutível” (CHAUÍ, 1995, p. 63) e assim resistir aos poderes tiranos, tornando-a uma ação política. De modo que a alegria também é política pois permite a propagação de ações que ampliam a convivência.

Além de conceber o teatro como essa potência poética e política, a pesquisa vem sendo constituída pelo interesse acadêmico em aproximar teatro e educação escolar a partir da constatação pessoal de uma fragilidade advinda da polarização, em minha formação, entre a especificidade da linguagem teatral e a complementação pedagógica de seu acontecimento na educação escolar.

Essa busca encontra no grupo de pesquisa Estudos Poéticos: Educação e Linguagem da UNISC/CNPq, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação da UNISC, um percurso de estudos filosóficos e pedagógicos em torno da dimensão poética das artes que contribuem para aproximar minhas inquietações em torno do encontro entre teatro e escola para perseguir tanto possibilidades de interrogar sua singularidade quanto abordar os sentidos e significados dessa experiência de linguagem na docência da Educação Básica.

Considero relevante destacar que esse movimento de aproximação entre teatro e escola desde a interrogação educacional pelas dimensões poética e política vem sendo elaborado em um tenso momento histórico de disputas na reformulação de currículos, na implementação de propostas pedagógicas e de documentos legislativos para a Educação Básica no país. De modo paradoxal, se podemos constatar a crescente – e assustadora – desvalorização por parte de políticas de governo em relação às artes na educação escolar, também podemos acompanhar a ampliação da presença – ou do valor – da linguagem das artes nas mídias e nas dinâmicas propostas nas aulas remotas em virtude da repentina e inusitada experiência de isolamento social provocada pela pandemia que assola o planeta. Esse paradoxo, aliado à exigência de considerar o percurso da pesquisa em tempos de interdição aos encontros presenciais com os alunos, me faz optar pelo desafio de enfrentar minha disponibilidade de trilhar caminhos como uma *travessia*

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem teatral; Educação escolar; Política; Poética; Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. 12. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional, 2015.

ARENDDT, Hannah. **O que é Política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem**. Educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013 (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

CHAUÍ, Marilena. **Espinosa - uma filosofia da liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.

MELO JR., Arlindo Lins de; MORAIS, Rogério de. Estudo de Caso como Estratégia de

Investigação Qualitativa em Educação. **Ensaio Pedagógico**, v. 2, n.1, jan/abr 2018.